

# Luis Badosa e a Emanência Paisagística

HUGO FERRÃO

Portugal, pintor. Doutoramento em Belas-Artes especialidade de Pintura pela Universidade de Lisboa (2007). Mestre em Comunicação Educacional Multimédia pela Universidade Aberta (1995). Pós-Graduação em Sociologia do Sagrado e do Pensamento Religioso pela Universidade Nova de Lisboa (1992). Licenciado em Artes Plásticas-Pintura pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (ESBAL) (1985). Professor de Pintura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

Artigo completo recebido a 13 de janeiro e aprovado a 30 de janeiro de 2013.

**Resumo:** Propomos realizar aproximações à problemática da emanência paisagística na obra plástica do pintor catalão Luis Badosa (1944) entendidas como revisitações da experiência estética resultante da emoção contemplativa da natureza cada vez mais intervencionada e encenada por vestígios industriais fundadores de uma “visão em comum”, que projecta a impermanência que caracteriza a condição temporal e espacial humana e as idealizações paisagísticas que nos projectam num campo de transcendência.

**Palavras chave:** paisagem / emanência / pintura / luz / cor.

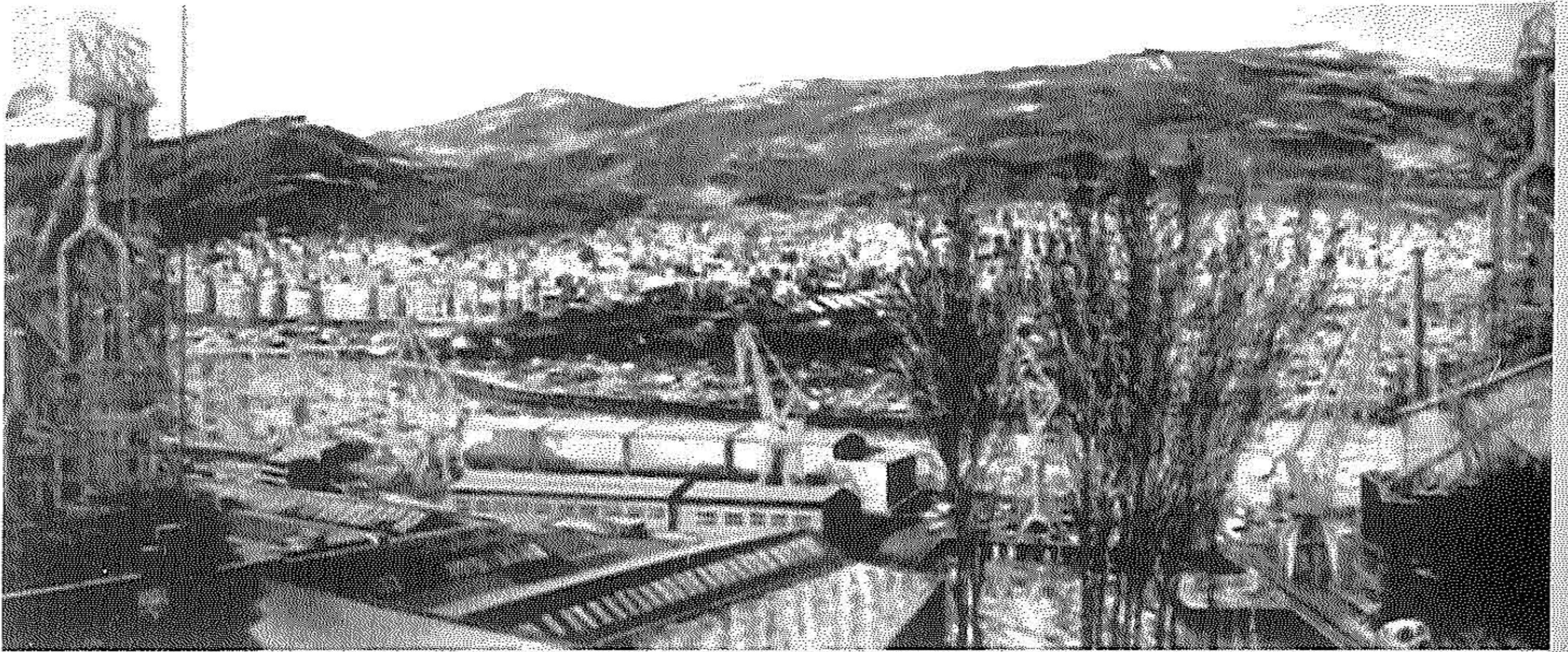
**Title:** *Luís Badosa and the landscape realm*

**Abstract:** *The aim of this paper is to encompass the landscape subject on the work of catalan painter Luís Badosa (1944): the aesthetic experience out of the contemplation from nature, each time more and more changed by industrial remains.*

**Keywords:**

*landscape / realm / painting / light / colour.*

A ideia de emanação, remete para uma unidade primordial, um ser uno que transcende as palavras, anuncia um fluir permanente que adquire a forma de todos os seres, de tudo aquilo que somos capazes de nomear; o que existe e existirá. Julgamos que esta forma de concepção do mundo, está instalada nas paisagens de Luís Badosa e torna-se visível nas superfícies das suas telas através da luz e da cor abstractizantes, evocando gestualidades do sentir, em que o pintor realiza “reflexos”, capazes de religar e construir narrativas pictóricas de uma “paisagem primordial” espécie de representações do mapa da alma e



**Figura 1.** Luis Badosa, "Sue eta Elurra" Fogo e Neve (tríptico), 2004. Técnica mista s/tela 120 x 280 cm. (Imagem fotográfica cedida por Luís Badosa).

da própria existência do ser pintor. A temática pictórica mais constante neste pintor são as "paisagens industriais" que evocam grandes construções fabris, pontes, chaminés, complexos industriais, transformadores de matérias primas, que descarnam a natureza e a reduzem a stock para usura de alguns homens, como nos chama a atenção Martin Heidegger (1995). Esta celebração da máquina, ou o triunfalismo tecnológico como programa libertador de todas os condicionamentos impostos pela natureza manifestam simultaneamente uma tensão carregada de religiosidade, no sentido de religar, que se tornam visíveis nas superfícies das telas.

As pinturas permitirão aproximações à tensão pictórica gerada entre a criação destas "paisagens primordiais", em confronto com as "paisagens-espacos industriais", núcleos marcantes na obra do pintor, onde se assumem percursos visuais, que fazem emergir imagens enigmáticas, densamente estruturadas, referentes às "indústrias do fogo", transformadoras da materialidade do mundo, plenas de simbolismo.

A "paisagem natural" que habita as pinturas de Luis Badosa remete para um espaço e tempo míticos, securizantes, ancorados em San Joan les Fonts, onde nasce. É uma pequena vila na província de Gerona, perto de Olot, na Catalunha, Foi neste lugar, *topos* imaginário, que o pintor começou ser o guardião dessa dimensão pictórica construída através da natureza, em que a luz e as cores vibráteis, adquirem uma expressão que emociona, provocando experiências estéticas capazes de nos fazer sentir por dentro; as chaminés, as pontes os campanários passam a ser uma espécie de alimento do espírito.

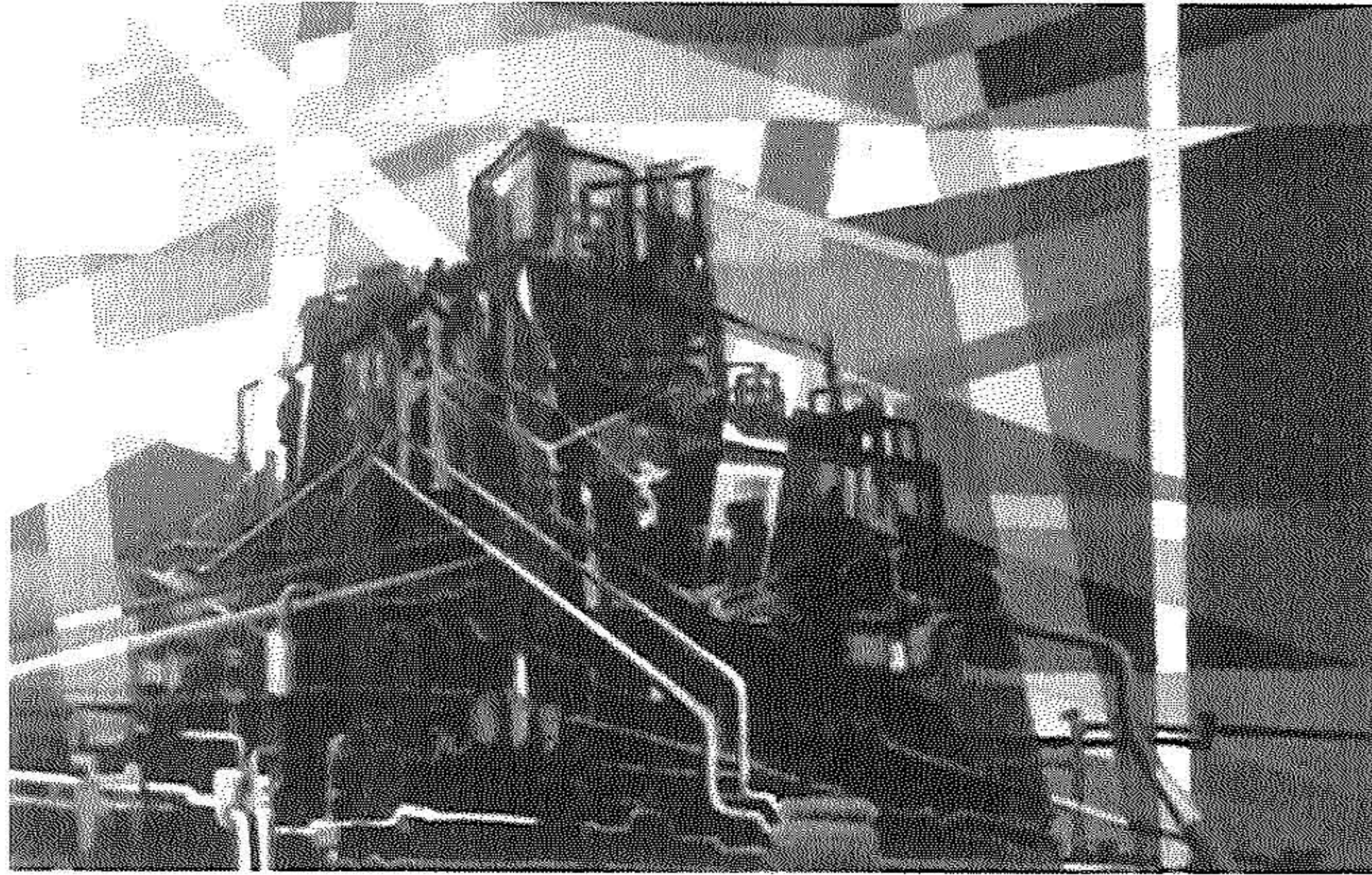
Foi determinante a sua passagem pela Escola Superior de Belas-Artes de

S. Jorge, em Barcelona, que obrigava a provas, tendo sido o pintor Julio Bataillé (1926-) que o ajudou a preparar-se. Este período de 1965 a 1969, é provavelmente um dos momentos mais significativos na sua vida, pois passa a contactar directamente com um conjunto de pintores e professores que mantinham uma forte ligação à tradição paisagista catalã.

Esta escola paisagística tem fortes contaminações da Escola de Barbizon, na senda Romântica do contacto directo e íntimo com a natureza que virá a ser também importante para os Impressionistas. O mito do eterno retorno (Eliade, 1984) encarna uma natureza idealizada, adquire ressonâncias encantatórias na concepção paisagística e no simbolismo transmitido pelos Mestres Pintores de Luis Badosa em especial os professores das unidades curriculares de Paisagem como é o caso de Josep Amat (1901-1991) e Josep Puigdemongas (1906-1987), onde se notabilizará.

Nos efervescentes anos 60 em Barcelona os alunos de Belas-Artes estão atentos à tradição pictórica da Escola Catalã que têm na luz uma das condições chave da pintura, assim como, as atmosferas lacustres visíveis nas transparências das velaturas que diluem as formas, empregues por Ramon Marti y Alsina (1826-1894), Mariano Fortuny (1838-1874), Joaquín Vayreda (1843-1894), Eliseo Meifrén (1859-1940), Santiago Rosiñol (1861-1931), Joaquín Sorolla (1863-1923), Hermenegildo Anglès Camarasa (1871-1959) e Joaquín Mir (1873-1940). Este património pictórico é na realidade um pano de fundo porque a Modernidade transborda das galerias e dos Museus, como é o caso do Museu de Arte Moderna com programação onde se podem ver pintores como Umberto Boccioni (1882-1916), Karl David Friedrich (1774-1840), Paul Cézanne (1839-1906), Fernand Léger (1881-1955), Paul Klee (1879-1940), Wassily Kandinsky (1866-1944) entre outros, mas também existem os pintores espanhóis com dimensão internacional como Picasso (1881-1973), Salvador Dalí (1904-1989), com que contacta várias vezes, Joan Miró (1893-1983) e Antoni Tàpies (1923-2012) que são grandes estímulos para os jovens pintores. Badosa está totalmente envolvido e virá a ganhar vários prémios de pintura, dos quais apenas destaco o prémio de Pintura Eugenio D'Ors da prestigiada Galeria Parés (1969).

A sua matriz artística, construída na segunda metade do século XX, anuncia um novo paradigma em que se articula *praxis* artística, actividade académica e investigação artística. D. José Milicua (1921-), um dos intelectuais mais destacados no âmbito da História da Arte, é convidado pelo governo do País Basco para instalar a Escola Superior de Belas-Artes de Bilbao (1970), Milicua conhecia bem Luís Badosa, tinha estado atento ao seu crescimento intelectual e artístico, pelo que o contacta no sentido de este vir a integrar a nova instituição, tendo sido bem sucedido. Luis Badosa radica-se em Bilbao a partir desse ano, tendo sido um dos membros fundadores das Belas-Artes (NB: As instalações da antiga



**Figura 2.** Pintura de Luís Badosa, intitulada: "Espaço Lumínico — Industrial I" 1979, óleo s/tela, 84 x 121 cm (Imagem fotográfica cedida por Luís Badosa).

**Figura 3.** Luís Badosa, "Cosmologia matéria com reflexos de ponte sobre a ria" 2004 óleo s/tela 100 x 81 cm (Imagem fotográfica cedida por Luís Badosa).

Escola de Belas-Artes de Bilbao ficavam no Casco Viejo no edifício do Museu Histórico (2º andar). Luis Badosa foi director da instituição de 1972-76, guarda deste período a nostalgia dos “trabalhos heróicos” e gratidão para com as pessoas maravilhosas que o acompanharam).

O olhar do pintor passou a conviver diariamente com a paisagem bilbaina a qual provocou uma verdadeira imersão na iconografia industrial. Bilbao representará um reservatório imagético inesgotável que ao longo dos anos se vai depositando nas telas, reconhecível na espessura das tintas, no contorno das formas de se esbatem e na materialidade coisificante da pintura, como última fronteira para contar o ser do pintor, como testemunha a pintura apresentada na figura 1.

Estas “paisagens industriais” são séries de pinturas realizadas a partir da década de 70 e que exploram a temática da iconografia industrial que se torna incomoda nos meios artísticos de então. Luis Badosa coloca no centro das suas pinturas a ideia da experiência da Modernidade, dos espaços esventrados por fábricas, onde o fogo é o coração que bombeia as energias libertadoras. O seu pensamento plástico testemunha a constante emanção da paisagem através da criação duma espécie de máquina de olhar, capaz de fazer lugar da pintura nos sítios onde ela não deveria existir. Estas paisagens não nos mostram aquilo que vemos. Os altos fornos, as gruas, as pontes, as arquitecturas, os ferros retorcidos, deixam de ser narrativas, ou simples ambientes simbólicos, passam a ser paisagens que remetem para a interioridade, para arquétipos que se visualizam fractalmente. O olhar ao percorrer estas paisagens depara-se com a densidade das emoções provocadas pela luz e cromatismo que tomam as formas, iniciando um processo alquímico que transmuta os vis metais dos complexos industriais bilbainos na matéria-prima da pintura.

Mais recentemente as pinturas assumiram nova deriva, articulando a paisagem industrial com o tecno-imaginário, questionando o próprio lugar do homem em termos imagéticos. Esta submersão tecnológica é contradita por estas obras que na realidade são *frames*, janelas que se abrem à humanização do olhar do observador, despertam emoções esquecidas, são antevistas de um tempo uno, situam-nos culturalmente, em movimentos artísticos como os Impressionistas, revelam a teimosia dos seres que queriam ser pintores. Na pintura que se apresenta (figura 3) as formas da ponte de Calatrava sobre a ria de Bilbao são totalmente pulverizadas pela luz que as banha e os reflexos anteriormente bem demarcados deixam de ser reconhecíveis, fazem parte de um todo unitário manifestado pela luz. Esta atmosfera quase que mística, evoca o simbolismo da ponte que permite passar de uma margem para a outra, e do papel de mediador do pintor, capaz de laboriosamente colocar os dois mundos em contacto, criador de arco-íris que liga a terra ao céu mas obriga a escolhas, só feitas pelos

homens. Em termos compositivos surge uma forma ovalada, uterina, que em potência contém todo o manifesto e todas as formas, colocadas na parte central. Somos capazes de pressentir a ponte e o seu reflexo, dividindo a pintura em dois planos, o inferior-terreno e superior-celeste, esta equivalência gera uma totalidade confirmada e reforçada pelo título desta obra: "Cosmologia matérica com reflexos de ponte sobre a ria" que nos dá pistas, indicações que manifestam as intencionalidades do artista que julgamos ter interpretado.

Como conclusão julgamos ter sido possível reconhecer continuidade da presença das premissas paisagísticas da escola catalã, (luz, cor e natureza) nas obras de Luis Badosa, bem como a transversalidade da emanência paisagística em todas as séries de pinturas realizadas ao longo dos anos. Acentuando o seu estatuto plástico, estas narrativas pictóricas fundem-se numa "paisagem primordial", espécie de paredes pintadas por dentro do corpo. Poderemos afirmar que Luis Badosa é um dos mais significativos representantes da "paisagem industrial" no contexto europeu.

### Referências

- Badosa, Luis (2010) *Arte e industria: influencia de las formas industrials en el Arte des siglo XX: 1900 -1945*. Bilbao: Universidad del País Vasco. Serie Tesis Doctorales. ISBN: 978-84-9860-413-9
- Badosa, Luis (2001) *Pintura Do Amanhecer Mediterrânico ao Entardecer Atlântico* Catálogo da Exposição. Galeria Municipal Artur Bual, Amadora. Catálogo da Exposição Luz e Cor, Luís Badosa.
- Badosa, Luis (2001) *Pinturas 1995-2000*. Catálogo da Exposição Luz e Cor. Câmara Municipal de Lisboa, Padrão dos Descobrimentos, Lisboa.
- Badosa, Luis (2010) *El Paisaje como Reflexion, Del paisaje industrial al tecno-imaginario*, Sala Municipal de Exposiciones del Conservatório, Gernika-Lomo. Cauquelin, Anne (2008) *A Invenção da Paisagem*, Lisboa: Edições 70.
- Eliade, Mircea (1984) *O Mito do Eterno Retorno: Arquétipos e Repetição*, Lisboa: Edições 70.
- Heidegger, Martin (1995) *Língua de Tradição e Língua Técnica*, Lisboa: Editorial Vega.
- Sobrino Sanchez, Carmen Gloria (2009) *Luis Badosa: vida y obra: aproximación a la obra pictórica através de su vivência*. Bilbao: Universidad del País Vasco. Serie Tesis doctorales. ISBN 978-84-9860-225-8
- Stiles, Kristine and Selz, Peter (1996) *Theories and Documents of Contemporary Art, Berkely/London: University of California Press*.